

Experiências da PCD/LBGTQIAP+ nas universidades

O relato a seguir foi construído com base no diálogo entre Tâmara Nery (estudante de Serviço Social, PcD) e Diogo Rocha (Vale PcD).

“

Ainda estou no processo de conclusão da graduação de Serviço Social e mesmo sendo uma aluna da rede privada estudar não é fácil. Até por que eles tratam o aluno como cliente, então o desdém é maior. Lutei anos para conseguir uma rampa na cantina da faculdade e quando finalmente consegui era inacessível; até que um dia cai na cantina e magicamente antes da visita do MEC á instituição foi-se colocado o piso tátil no espaço. As atitudes LBGTQIAPfóbicas não eram ligadas a mim, porque não conto sobre a minha vida naquele espaço; mas, já vi uma pessoa transexual ser constrangida e desistir da faculdade. O capacitismo é recorrente na faculdade, seja por parte do alunado, da administração e até mesmo dos professores que negam os meus direitos. Nunca vi um movimento estudantil na faculdade e para tornar este espaço mais inclusivo é preciso introduzir a pessoa com deficiência e suas interseccionalidade, seja numa discussão durante a aula ou quiçá tornando a Pessoa com Deficiência um tema de Trabalho de Conclusão de Curso.

Tâmara Nery dos Santos Amaral

Percebemos a partir deste relato a falta que faz a existência de setoriais ou até mesmo pessoas físicas nas universidades que se importem com a diversidade e a inclusão de todos(as). As pessoas precisam ser ouvidas e orientadas.

Inclusão e acessibilidade não é favor e sim direito. Precisamos movimentar a sociedade para que todos entendam que vivemos num mundo que é totalmente

interseccional. A educação empática, de afeto e também de transformação pregada por Paulo Freire se aplica a todos os níveis de ensino. A pessoa com deficiência resiste desde os primórdios da humanidade e seguirá fazendo resistência. Pois, **queremos e iremos ocupar todos os espaços;** fazendo-se assim valer o verdadeiro significado de diversidade.